

Biodiversidade e escola: a natureza do humano é a cultura

Artur Motta



A perspectiva da biodiversidade a partir da cultura se preocupa com a investigação da diversidade de culturas que permeia o espaço escolar. Os confrontos culturais gerados quotidianamente na escola, onde convivem crianças, jovens e adultos, constituem essa diversidade cultural (hábitos, valores, religião, atitudes, vestimenta, etc). As diferenças geracionais e de gênero marcam o ambiente escolar, determinando, do ponto de vista pedagógico, maneiras específicas de tratar a realidade e a ênfase dada às questões abordadas.

No dia a dia da escola particular, uma série de interesses econômicos, sociais e de geração se deparam na convivência entre patrões, empregados, professores e alunos. Isso não representa algo negativo, mas uma realidade objetiva do ponto de vista sociológico. São culturas que se confrontam, permanentemente, enquanto expressões diferenciadas de visões de mundo e interesses particulares. Um tipo de confronto que tem se agravado com o passar do tempo é o que opõe famílias e escolas, realidade cada vez mais preocupante.

As relações entre as famílias e as escolas mudaram completamente nas últimas décadas. Antes, o desempenho escolar insatisfatório do aluno era de sua responsabilidade; agora, as famílias transferem essa cobrança para o professor. A maneira como os jovens estudam atualmente, conectados a várias mídias ao mesmo tempo, reforça a noção, formulada por Pierre Babin, de que a escola desempenha papel fundamental na tarefa de “transmitir em estéreo” o conhecimento. Ou seja, a escola não pode transmitir em apenas um canal: ela não pode ser somente a “cultura Gutemberg”, mas também não pode ser “moderninha” e se basear apenas na “cultura Net”.

Precisamos entender as situações de crise quotidiana de nossas escolas sem a ideia de que se trate de um perigo. Cabe aos educadores encontrar fórmulas que tornem o aluno parte ativa do processo de solução dos problemas. Os jovens demonstram maior habilidade no domínio das novas tecnologias da informática, por exemplo, do que os adultos. Portanto, chamá-los a resolver questões que possam auxiliar e instruir os professores significa transformar o perigo em oportunidade. Essa atitude não diminui a autoridade do educador.

Cada escola deverá descobrir quais as oportunidades que os alunos e suas famílias oferecem para encontrar a fórmula da solução dos problemas surgidos. Um exemplo concreto seria abrir a escola para que os pais debatessem entre si, uma vez que existe o saber docente e o saber parental. Trata-se de outra maneira de entender a presença dos pais na escola, diferentemente da escola de pais, que apresenta outra metodologia. Então, poderíamos experimentar, de fato, a prática da interdisciplinaridade e da contextualização.

A disciplina é um valor que precisa ser resgatado. Essa palavra é originária do verbo latino “discere” (aprender), e não deve ser compreendida como um conjunto de regras, mas enquanto condição para aprender e fazer com que o outro aprenda. Estou sugerindo que cada um de nós veja o que faz em nossas escolas no sentido de que as pessoas tenham condições de aprender. O conceito de autoridade é outro valor que se deve retomar numa nova perspectiva. Originada do verbo latino “augere” (fazer crescer), a autoridade só tem sentido se faz, por intermédio do amor, o outro crescer. Entendendo dessa forma, conseguimos obter o respeito necessário por parte de nossos alunos.

O professor desempenha um papel muito importante na ampliação do repertório dos estudantes. Ele precisa dominar um conjunto de informação atualizado para instigar e provocar seus alunos — a palavra provocar origina-se do termo latino “pro vocare” (chamar para frente). Portanto, o repertório do professor deve favorecer a criação de situações-problema. Infelizmente, muitas práticas com que nos habituamos no passado não respondem mais às necessidades da sala de aula contemporânea, funcionando, na realidade, como um “antirrepertório” — são desestimulantes e não provocam os alunos.

A natureza do humano é a cultura. A escola pode e deve ajudar alunos e professores a darem sentido às suas vidas através do diálogo das diversas culturas, de um trabalho coletivo e gradual e, principalmente, sem perder a identidade de escola. Para isso, é necessário dar o primeiro passo, atrever-se e mudar.